

# A doce invasão da escola

Foto de Fernando Maia

Há dois dias, os alunos da Escola Municipal Pedro Aleixo, na Cidade de Deus, vão às aulas em frente ao mar. A escola, palco de tiroteios, entrou em reformas, e os alunos foram removidos para a Zuleika Nunes de Alencar, frequentada por criança dos condomínios da Barra da Tijuca.

JEFFERSON GUEDES

Um não à discriminação. É assim que a diretora do 15º Distrito de Educação e Cultura, Cibele Matos, vê a remoção de 251 alunos da Escola Municipal Pedro Aleixo, com todo o estigma da Cidade de Deus, para a Zuleika Nunes de Alencar, de frente para o mar da Av. Sernambetiba e de costas para a Lagoa de Marapendi. A experiência pode não ser inédita, mas servirá, durante dois meses, para o encontro de duas faixas sociais distintas: a de alguns alunos que moram nos condomínios da Barra da Tijuca com outros que residem na selva de fogo que é a Cidade de Deus. Mas é consenso entre os estudantes da Pedro Aleixo que a causa da transferência temporária é a reforma da escola e não a briga entre quadrilhas, que já fez um morto no seu próprio pátio: "o tiroteio já foi pior e nem por isso ela fechou", diz uma anônima estudante.

Apesar da distância entre os dois bairros, a Escola Zuleika serviu de guarida porque é uma das poucas que têm vagas. "A vida deles, aqui na Barra, é melhor que a minha", diz L.F., 14, 6ª série da Pedro Aleixo e que gostaria de trocar a sua casa na Cidade de Deus (onde mora com mais oito pessoas) por "esse vento fresquinho". Mas L.F. não tem ilusões: "A não ser que Deus ajude e a gente ganhe na Loto, as coisas podem mudar. Com os senadores e deputados não podemos contar: eles não gostam de pobre", afirma. Além disso, ele pode ser considerado uma exceção: nunca precisou que os pais o forçassem a estudar: "Até para catar lixo, hoje em dia, é preciso estudo". Mas L.F. não chega a exagerar: livro demais o deixa perturbado.

Mas, se a realidade em sua casa é uma barra (o pai teve derrame cerebral, a mãe sustenta a família passando roupa), o panorama é diferente para os filhos dos luxuosos condomínios da Barra, que são minoria na Zuleika de Alencar. Luís Otávio Mendonça, 12, 6ª série, fica na dúvida sobre como será seu relacionamento com os novos colegas (que ele verá pouco, pois estuda de manhã e os alunos da Pedro Aleixo ocupam aquele espaço somente à tarde). Luis, que adora uma bola, queixa-se da escola por não ter muitas diversões, pois ele tem piscina, sauna e salão de jogos no Condomínio Parque da Barra, onde mora. Ele, no entanto, admite a possibilidade de ficar mais tempo no colégio para jogar futebol — caso haja uma boa integração.

A Zuleika de Alencar foi inaugurada no final de 1984 e ainda conserva, incólume, a sua fachada. Esta é a preocupação de Agildo da Silva, 13, 6ª série, residente em Jacarepaguá: sem saber explicar o porquê, ele teme que os novos companheiros sujem a escola. "Aí, eu não vou aceitar", adianta, embora admita já

existir bagunceiros no time que ocupa, todos os dias, as salas de aula do colégio.

Monique Pinheiro Barbosa, que mora no Alfabarra, acha que não é correto julgar alguém antecipadamente. Ela e sua amiga Patrícia Oliveira tentaram convencer Daniel e Alexandre, seus colegas de turma, a continuar na Zuleika. Os dois pretendem transferir-se para fugir do contato com os meninos da Cidade de Deus. Eles estão acatando ordens dos pais, cuja posição é contestada pelas meninas, levando-se em conta, principalmente, que mais de 60% dos 170 alunos da escola da Barra já vêm de Jacarepaguá. Sílvia, uma outra colega, reforça o pensamento de Monique: "Eles devem ser bem mais vividos", especula. Mas, pressentindo o clima, Cibele Matos — diretora do 15º DEC — procurou assentar a poeira na preleção que fez aos novos alunos:

— Eu senti até alguns olinhos assustados, mas não existe isso de preconceito dos moradores do Alfabarra em relação a vocês. Isso foi inventado.

O que não foi invenção são os tiros que atravessaram a Escola Pedro Aleixo, há duas semanas, e que resultaram numa morte. Ao contrário, porém, do que foi divulgado, as quadrilhas não têm prejudicado a vida dos moradores da Cidade de Deus. "Eles até nos avisam quando vai ter tiroteio. Você pode até sair para a rua, mas já foi avisado", diz R.L., 12, acrescentando que as quadrilhas 141 e AP costumam ter esta postura. M.S., uma colega sua, vai além: "A gente até está bem sossegada com eles", diz. Não é à toa que, muitas vezes, os alunos intermediavam o contato entre a escola e as quadrilhas, como no recado anônimo informando que tudo ficaria calmo. Mesmo assim, os alunos entrevistados rejeitam a hipótese de que tenham parentes nas quadrilhas ou mesmo que seus pais tenham ligações com os seis bando da área. E claro que, em off, não deixam de fazer uma gozação com o repórter: "Ele está achando que a gente tem cara de otário e que vai abrir o jogo".

Por ora, Tânia Antunes, Diretora-Adjunta da Pedro Aleixo, diz-se preocupada apenas com a reforma da escola e com a distância da Cidade de Deus à Barra (os motoristas da linha 755, Cidade de Deus-Gávea, muitas vezes, não param para as crianças). Tânia espera que, em dois meses, a velha escola esteja funcionando novamente, com a colocação de vidros e de tela para evitar pedradas. E, enquanto torce para que ninguém fique traumatizado com o tiroteio de duas semanas atrás, afirma: "Segurança? Não tenho enfrentado este problema, tanto é que tenho trabalhado normalmente na Pedro Aleixo na parte da manhã. As aulas pararam mas o colégio não".



Apesar dos contrastes, os estudantes deverão se adaptar bem ao novo convívio